

Editorial

A repercussão entre autores e leitores dos números anteriores 22 e 23 de *Per Musi* (qualificada com o QUALIS A1 na CAPES e indexada na base SciELO), dedicados aos estudos em música popular, motivou mais uma chamada sobre esse tema, que parece ser o que mais tem atraído a atenção de pesquisadores na história recente da pesquisa em música no Brasil. Devido ao grande número de submissões, os artigos aprovados foram divididos em três volumes – 28, 29 e 30 – que trazem um total de 46 artigos, 11 partituras e 6 resenhas. Este volume 29 de *Per Musi* traz 19 artigos, 2 partituras e 1 resenha.

A norte-americana **Katherine Williams**, em tradução de Fausto Borém, discute as oposições do popular versus erudito e da improvisação versus pré-determinação na música do gigante do jazz Duke Ellington, a partir de uma análise comparativa de performances do sax barítono de Paul Gonsalves e do piano do próprio Ellington. Para tal, utiliza de gravações históricas de 1937, 1953 e 1956 da música *Diminuendo and crescendo in blue*. Em seguida, a partitura do solo de sax barítono de **Paul Gonsalves** em *Diminuendo and crescendo in blue* de **Duke Ellington**, em transcrição e edição de Leonardo Barreto, é apresentada.

O norte-americano **J. (Bill) William Murray**, em tradução de Fausto Borém, apresenta um estudo panorâmico sobre o pianista e compositor de jazz Billy Strayhorn, braço-direito de Duke Ellington, discutindo a questão da autoria na Duke Ellington Orchestra. Ao mesmo tempo, o artigo revela as características estilísticas de Strayhorn, analisando 19 obras selecionadas em relação a andamento, métrica, tonalidade, forma, duração, ritmo harmônico, linguagem harmônica e outros detalhes relevantes.

A partir do conceito de "embreagem enunciativa", **Luiz Tatit** aborda as modulações na voz do intérprete de canções populares que, ao lado do conteúdo proposto pelo compositor e letrista, buscam e agregam valor oral à comunicação já prenhe de sentimentos. Na sua análise, recorre a nomes do nosso cancioneiro como Lamartine Babo, Lupicínio Rodrigues, Aurora e Carmen Miranda, Dorival Caymmi, Nara Leão, Chico Buarque, Gilberto Gil, Maria Bethânia, Gal Costa, Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Jussara Silveira, entre outros.

Fausto Borém e **Ana Paula Taglianetti** apresentam dois artigos sobre a performance de Elis Regina. No primeiro, discutem o desenvolvimento cênico-musical de Elis Regina ao longo de sua carreira, abordando suas influências, implicações políticas e construção de sua expressividade no palco. No segundo, abordam em detalhe os construtos cênico-musicais (texto, música e corporalidade) de Elis Regina a partir da análise de gravações de vídeo históricas em duas canções de universos emocionalmente contrastantes: *Ladeira da Preguiça*, de Gilberto Gil e *Atrás da porta*, de Chico Buarque e Francis Hime. Finalmente, Fausto Borém propõe uma partitura da performance de **Elis Regina** em *Atrás da porta*, de **Chico Buarque** e **Francis Hime**, em que se integram dados analíticos de texto, som e imagem, a partir de uma transcrição de um vídeo de 1973.

Marcos Napolitano se debruça sobre a relação entre cinema e música popular no Brasil dos anos 1950, revelando o olhar político da esquerda sobre dilemas sociais, estéticos e ideológicos, epitomizado nas contradições do negro versus branco, do popular versus erudito no filme *Rio, Zona Norte*, de Nelson Pereira dos Santos, de 1957.

Josely Teixeira Carlos aborda, sob a ótica do Círculo de Bakhtin, os discursos da literatura e da música popular brasileira, a partir de duas versões do poema *Até logo, até logo, companheiro*, de Sierguêi Iessênin. A primeira, na tradução de Augusto de Campos musicada por Toquinho. A segunda versão, na adaptação de Belchior do mesmo poema na canção *Até mais ver*, que também dialoga com o poema *In extremis*, de Olavo Bilac.

Márcio Ronei Cravo Soares interpreta a conjugação dos textos verbal (letra) e musical (melodia, harmonia e ritmo) na canção *Sobre todas as coisas*, de Chico Buarque e Edu Lobo, emparelhando as conotações religiosas e sensuais, ancorado em uma leitura do poema *O grande circo místico*, de Jorge de Lima, e que deu nome ao disco que contém aquela canção.

Paulo José de Siqueira Tiné estuda o modalismo na música popular brasileira da década de 1960, estabelecendo paralelos entre as tradições étnico-musicais brasileiras e o jazz modal norte-americano. A partir da harmonização tonal de melodias modais que Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro realizaram nas décadas de 1940 e 1950, o autor categoriza diferentes procedimentos harmônicos modais em importantes autores brasileiros como Edu Lobo, Geraldo Vandré, Baden Powell, Moacir Santos, Egberto Gismonti, Milton Nascimento, Caetano Veloso e norte-americanos como Miles Davis e Herbie Hancock.

Carlos de Lemos Almada propõe a aplicação de ferramentas da análise derivativa de Schoenberg na música popular, exemplificando com dois estudos de caso: *Chovendo na Roseira*, de Tom Jobim, e *Something*, de George Harrison.



Sérgio Paulo Ribeiro de Freitas investiga como as mudanças de centro tonal pelo "círculo das 3^{as}" – e não pelo tradicional círculo das 5^{as} – permitiu uma expansão e uma renovação do tratamento harmônico na música popular brasileira na segunda metade do século XX. Ilustra sua tese com as canções *Hino ao Sol* (Billy Blanco e Tom Jobim), *Setembro* (Gilson Peranzetta, Vitor Martins e Ivan Lins), *Sapato Velho* (Mú Carvalho, Cláudio Nucci e Paulinho Tapajós), *Dom de Iludir* (Cetano Veloso), *Choro Bandido* (Edu Lobo e Chico Buarque) e *Amazon River* (Dori Caymmi e Paulo César Pinheiro).

Baseado nos conceitos semiológicos de Roy Wagner, **George Manoel Farias** estuda a consolidação da tópica nacionalista 5 – #5 – 6 na música brasileira e busca exemplos em *O Guarani* (Carlos Gomes), *Carinhoso* (Pixinguinha), *Aquarela do Brasil* (Ary Barroso) e *É* (Gonzaguinha).

Em um estudo panorâmico entre 1930 a 1980, **Silvano Fernandes Baia** discute a concepção de "música popular brasileira" em publicações de autores formadores de opinião e os valores associados à ideia de uma tradição da música popular no Brasil que está intimamente ligada a uma linhagem articulada em torno do samba carioca.

O argentino **Tomás Andrés Frère Affanni**, abordando o icônico disco *Chega de saudade*, argumenta como o tratamento do ritmo, melodia, harmonia e voz por João Gilberto responde aos ataques que tratavam a Bossa Nova como música "reacionária" e "burguesa".

Para exemplificar a contraposição do "Pessoal do Ceará" à Bossa Nova na década de 1970, **Nelson Barros da Costa** e **Maria das Dores Nogueira Mendes** analisam as canções *Berro* e *Abertura*, de Ednardo, sob o ponto de vista da Análise do Discurso.

Eduardo de Carvalho Ribeiro analisa as múltiplas facetas do compositor, cantor e instrumentista Elomar Figueira Mello no seu cancionário e em suas óperas, revelando um hibridismo que combina cantoria nordestina, flamenco, seresta, tango, hinário cristão, música erudita e um dialeto regional do sul da Bahia.

A partir de 15 músicas selecionadas de Luiz Gonzaga das décadas de 1940 e 1950, **Almir Côrtes** estuda tópicos do baião canonizadas pelo mestre do gênero, com vistas à sua aplicação na apreciação, interpretação, composição, arranjo, análise musical e improvisação.

Em um estudo etnográfico, **Alvaro Neder** revela a eficácia da música popular na transformação social em Mato Grosso do Sul, ao demonstrar os vínculos existentes entre canções populares urbanas de Campo Grande e os conflitos que levaram à superação das oligarquias rurais no estado.

Por meio de análise fenomenológica, realizada a partir de gravações (áudio e vídeo) de Festivais da Música Popular no Brasil, ocorridos entre 1965 e 1969, **Vanda Lima Bellard Freire** e **Erika Soares Augusto** identificam algumas convergências em quatro canções selecionadas: *A Banda* (Chico Buarque), *Roda Viva* (Chico Buarque), *Pra não dizer que não falei de flores* (Geraldo Vandré) e *Sinal Fechado* (Paulinho da Viola).

Na *Seção de Resenhas – Pega na Chaleira*, **Fausto Borém** apresenta o livro *Eu não sou cachorro, não*, de Paulo Cesar Araújo, que trata das relações entre música cafona (ou brega) e a ditadura militar no Brasil.

Finalmente, Informamos que **Per Musi** está disponível gratuitamente nos sites www.scielo.com.br e www.musica.ufmg.br/permusi. As versões impressas de quase todos os números da revista ainda podem ser adquiridas através do e-mail permusi@ufmg.br.

Fausto Borém

Fundador e Editor Científico de **Per Musi**